

UNIVERSO BIOTECNOLÓGICO E FRONTEIRAS PARTIDAS: ESPORTE, GÊNERO E NOVO EUGENISMO

André Luiz S. Silva
Silvana Vilodre Goellner

Resumo: Este ensaio busca refletir sobre as intervenções tecnológicas aplicadas aos corpos objetivando o aditamento de sua performance. Discute o quanto a busca da potencialização dos corpos pode estar vinculada a um novo eugenismo, entendido aqui como a elevação ao máximo da perfectibilidade. Para tanto, elege o esporte e a cultura fitness como espaços destinados à materialização no corpo de técnicas e artifícios potencializadores que promovem práticas cada vez mais sofisticadas, tornando mais diluídas as fronteiras entre o humano e a técnica e entre o masculino e o feminino.

Palavras-chave: universo biotecnológico; gênero; esporte.

Futuro do esporte – Como será o atleta? Robótica, nanotecnologia e genética serão capazes de construir super-homens, com genes modificados, células artificiais e aptidões preestabelecidas;¹ **Super soldado**: engenheiros tentam criar uniforme capaz de gerar força sobre-humana;² **Revolução tecnológica**: em cena que parece ter saído de filme de ficção científica, o nadador australiano Ian Thorpe testa seu uniforme inteiro;³

A nova conquista do corpo: cientistas debatem terapia genética que dá potência muscular e vai revolucionar o esporte.⁴

Excertos como esses, retirados de diferentes matérias jornalísticas, apontam o quão presente é a busca pelo aprimoramento da performance humana, seja ela esportiva ou não. O ciborgue não é mais uma figura da ficção científica: habita nossas ruas, faz parte do nosso cotidiano, projeta nosso futuro próximo. O cinema, especialmente o hollywoodiano, produz, a cada ano, inúmeros filmes de ficção cujas histórias giram em torno desses sujeitos adulterados. O ser pós-humano ali projetado toma forma a partir de explosões radioativas, mutações genéticas, picadas de

¹ Folha de São Paulo, 2000, p.02.

² Greco (2003, p. 72).

³ Drumond (2004, p. 34).

⁴ Cezimbra (2004, p.37).

insetos ou, ainda, em função de testes laboratoriais que buscam sempre e cada vez mais a potencialização dos corpos, suas funcionalidades e produtividade.

Fora das narrativas ficcionais, não são poucos os discursos que insistem em afirmar a urgência de nos aprimorarmos por meio do uso de produtos da tecnociência. Nomeado como algo inacabado, nosso corpo,

considerado como um objeto sempre disponível a reformas, deve aumentar os seus níveis performáticos e padrões de eficiências. Para vencer os perigos crescentes de tornar-se obsoleto, ultrapassado ou inadequado, o corpo deve ser continuamente turbinado para acompanhar a sofisticação das máquinas, atender às novas demandas de prazer e liberdade próprios da atualidade. (COUTO, 2007)

Não sem razão, o saber científico frequentemente tem anunciado novidades acerca de diferentes introjeções tecnológicas criadas para “turbinar” a máquina humana, ampliando-a, melhorando-a. É como se a seleção “natural” de Darwin ganhasse outros contornos⁵ e nós, à mercê das leis evolutivas, tivéssemos de nos readaptar, evitando, a todo custo, a obsolescência do nosso corpo (LE BRETON, 2003). Na tentativa de postergar a morte e potencializar a vida, infinitas intervenções direcionam-se para a otimização da performance do corpo, muitas delas vinculadas ao desejo de limpá-lo, retirando-lhe os sinais do enfraquecimento e da decrepitude. Em outras palavras: buscam eugenizá-lo.

Corpos espetaculares, potencializados, hígidos, eficientes, performantes e ciborguizados pela técnica! Corpos que acoplam em si máquinas, *chips*, fármacos, próteses, antidepressivos, estimulantes, estratégias genéticas que objetivam prolongar a vida e potencializar a existência. Nas palavras de Donna Haraway, “somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues” (2000, p. 41), pois ser ciborgue não se refere apenas à quantidade de *bits* de silício ou de próteses que temos implantados em nossos corpos. Tem a ver, também, com academias de ginástica, com alimentos energéticos para *body-building*, com máquinas de malhação, com roupas inteligentes e aerodinâmicas, enfim, com lugares e artefatos que não existiriam sem a idéia do corpo como uma máquina de alta performance (KUNZRU, 2000).

Nesse cenário pleno de hibridismos, poderíamos pensar no cibercorpo, um corpo semelhante ao humano na aparência, mas distanciado dele pela performance, altamente potencializada.

No campo esportivo, o cibercorpo apresenta-se como uma possibilidade de ganhar visibilidade a cada Olimpíada ou grande evento de competição. Sua presença nas arenas de disputa tem revolucionado as tradicionais teorias do treinamento

⁵ Talvez perdesse o contorno de seleção “natural” para abrir caminho a uma seleção “artificial”.

esportivo, que já não conseguem, isoladamente, garantir bons resultados. Ao processo de potencialização da performance atlética, incorporam-se saberes e práticas oriundos de campos outrora desconhecidos, tais como o da biotecnologia (a manipulação dos componentes dos seres vivos, incluindo seu código genético), da nanotecnologia (a fabricação de dispositivos moleculares) e do *doping* genético, entre outros.

Estamos a poucos passos da criação de atletas geneticamente modificados, quando será possível visualizar a completa fusão entre o “natural” e o “artificial”. Atletas otimizados pelo universo biotecnológico que, ao investir no esporte, tem projetado corpos cuja potência resulta de processos cada vez mais minuciosos e sofisticados.⁶

Diante desse cenário, não seria temerário pensarmos o esporte contemporâneo e futuro como um mundo à beira do pós-humano! O esporte, especialmente o de alto rendimento, corresponde, provavelmente, a um dos espaços em que o cibercorpo ganha maior visibilidade. Na ânsia por ampliar os limites humanos, as intervenções científicas introjetam força, ânimo, fôlego e resistência nos corpos atletas. Nas palavras de Carmen Soares: “a atividade esportiva, dado o seu alto valor comercial, talvez seja o campo de provas mais imediato e possível de ser concretizado. [...]. O atleta talvez venha a ser o primeiro campo de provas que vai demonstrar resultados de um planejamento total, inclusive genético” (2001, p. 113).

Além do esporte de alto rendimento, o imaginário a ele ligado no que tange à potencialização dos corpos manifesta-se em outros espaços contemporâneos, como, por exemplo, o universo da cultura *fitness*.⁷ Nela, assim como no esporte, o corpo já não é algo “naturalmente” modificado apenas pela exercitação física. Há, nesta construção, um rigoroso processo de intervenção técnica, elaborado consoante com as intenções individuais e sociais de diferentes sujeitos e grupos: suplementos alimentares, fármacos, esteróides anabolizantes, medicamentos redutores de apetite, injeções para enrijecer músculos, entre outras, são práticas recorrentes que circulam nesses espaços nos quais se buscam, em curtos espaços de tempo, corpos esteticamente moldados e performáticos, prontos a exibirem-se em plena forma e exuberância.

⁶ Neste sentido, gostaríamos de chamar atenção para os sites: <<http://www.genome.gov/>> e <<http://www.genomenetwork.org/index.php>> que nos dão algumas noções sobre o desenvolvimento de pesquisas genéticas a partir de estudos de atletas. Além disso, indicamos os links <<http://listas.cev.org.br/pipermail/cevgenetica/>> e <<http://listas.cev.org.br/pipermail/cevdopagem/>> que se referem a listas de discussões destinadas a abordar assuntos relativos às possibilidades genéticas.

⁷ Por cultura *fitness*, entende-se o movimento surgido na década de 70 do século XX cujo objetivo central é a busca do aperfeiçoamento da forma física e do culto ao corpo. É exatamente a partir desse momento que começam a proliferar produtos e serviços, tais como academias de ginástica e musculação, suplementos alimentares, roupas especializadas para a prática de atividades físicas e, mais recentemente, a figura do *personal trainer*.

Por certo que o corpo de um atleta olímpico se produz de forma diferenciada, por exemplo, do corpo de uma pessoa que busca melhorar sua forma física e aparência. Resguardadas as devidas proporções, o que é necessário enfatizar é que ambos utilizam recursos que potencializam sua aparição, e ambos personificam e dão visibilidade a esse cibercorpo cuja existência evidencia o quanto são partidas as fronteiras entre o humano e a tecnologia.

Vale pensar no quanto as academias, como espaços de produção da cultura *fitness*, esportivizam suas rotinas e práticas, buscando não a quebra do recorde nem a vitória em uma competição, mas a extração do rendimento máximo no que se refere ao aperfeiçoamento da forma física de muitos de seus freqüentadores (HANSEN; VAZ, 2004). Parece que, frente à espetacularização dos corpos contemporâneos e ao conseqüente culto à boa forma, alguns princípios relacionados ao esporte gradativamente invadiram outras práticas e outros locais onde acontece a exercitação física. São princípios como aqueles identificados por Allen Gutmann (2004) como próprios do esporte moderno, a saber: o racionalismo instrumental, o impulso de quantificar as conquistas e a busca por recordes.

Superatletas, supermodelos: corpos exemplares de uma nova cientificização, em que imperam a limpeza, o vigor, a potência e o espetáculo. Em outras palavras: de um novo eugenismo, em que

vemos a ciência percorrendo uma direção eugênica, porém um eugenismo contemporâneo que não mais exclui com a morte os não-arianos. O novo eugenismo traz uma proposta de inclusão pautada na idéia do artifício, em que o corpo não precisa ter a melhor bagagem genética. Um ser eugênico não é mais aquele que nasce com os melhores genes; agora basta o apoio da ciência para tornar-se eugênico. A melhoria da raça, com exceção das terapias genéticas, adquire características dissimuladoras em que o artifício camufla as imperfeições orgânicas. (SILVA; MORENO, 2005, p. 135)

Surgida na Europa no final do século XIX, a eugenia caracterizou-se como um movimento político-científico que visava a ampliar as qualidades daqueles que ainda estavam para nascer. Era uma ciência que pretendia legar boas características às gerações futuras, partindo do entendimento de que a sociedade poderia fazer depressa o que a natureza fazia lentamente, selecionando o homem em prol da evolução de sua espécie.

A primeira obra destinada a discutir esse assunto data de 1869. O livro intitulado *Hereditary genius* é assinado por Francis Galton, que, ao longo de sua vida, se dedica a uma série de investigações para conferir cientificidade e legitimidade à eugenia. A eugenia pensada por Galton é considerada fruto da modernidade, momento em que houve grande atenção e interesse pelo corpo, com o desenvolvimento de técnicas e de pesquisas que contribuíram para sedimentar, juntamente com preceitos morais, o processo de subjetivação e individualização do sujeito. Revigoraram-se os cui-

dados de si como práticas e técnicas que permitiram sentir o corpo, dando-lhe visível centralidade, tornando-o, enfim, objeto de infinitas preocupações. Nesse contexto, o corpo libertou-se da natureza; por essa razão, tornou-se imperioso armá-lo com todos os elementos capazes de intensificar a matéria e sua materialidade (SILVA, 1999).

No Brasil, a ciência eugênica ganhou força nas primeiras décadas do século XX e esteve muito vinculada ao discurso nacionalista, que pregava o refinamento da raça e o fortalecimento do povo brasileiro.⁸ O homem eugenicamente perfeito, resultante de uma boa herança genética, deveria materializar em seu corpo as expectativas de uma nova sociedade, de um novo tempo. Essa é a razão pela qual a exercitação física é observada como mais uma possibilidade para auxiliar a construção desse “novo homem”, o que acabou conferindo à área da Educação Física maior *status* e representatividade. É a partir dos anos 1930, por exemplo, que o Estado instituído se empenha em concretizar várias ações no campo específico das práticas corporais e esportivas e que a Educação Física, entendida como um saber médico e pedagógico, emerge como um campo de intervenção a educar os corpos e, assim, aperfeiçoá-los consoante com os ideais higiênicos e eugênicos em voga.⁹

Fernando de Azevedo, um importante intelectual da época, defendia a incorporação da Educação Física nos projetos que buscavam a regeneração nacional, pois acreditava que seus saberes próprios iriam fortalecer o corpo do cidadão, a fim de despertar nele qualidades inatas antes adormecidas. Nas suas palavras: “Uma vez introduzida pela educação nos hábitos do paiz, a pratica d’esta cultura physica, sustentada durante uma larga serie de gerações, depuraria a nossa raça de diatheses mórbidas, locupletando-a, progressivamente pela criação incessante de indivíduos robustos” (1920, p. 229).

Será, no entanto, a definição de Vianna (1927) aquela que nos instigará a pensar, além da associação entre eugenia e Educação Física no passado, a atual busca pela perfeição do humano. Segundo esse autor, a eugenia é “a geração sadia sob o tríplice aspecto dos seus attributos physicos, mentais e moraes; é o conjunto de normas, regras e preceitos todos inspirados num elevado e generoso ideal que conduza o homem pelo caminho da perfectibilidade” (p. 140).

Partindo dessa representação de perfectibilidade, robustez e vigor, poderíamos perguntar: não será o ciberatleta a materialização, no campo esportivo, do novo

⁸ Nesse período, criaram-se diversas instituições nacionais, dentre as quais, a Liga de Defesa Nacional (1916), Liga Nacionalista de São Paulo (1917), Liga Brasileira de Higiene Mental (1923) e Sociedade Eugênica de São Paulo (1918). Segundo Reis (1994), a fundação da Sociedade Eugênica por Renato Kehl e Arnaldo Vieira de Carvalho é considerada o marco inicial das investidas eugênicas no Brasil.

⁹ Corresponde a esse período a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (1931); da Escola de Educação Física do Exército (1933); da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação (1937); da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, junto à Universidade do Brasil (1939); da instalação da Comissão Nacional dos Desportos (1939) e do Conselho Nacional dos Desportos, em 1941.

eugenismo? O cibercorpo não estaria passando, como outrora passaram outros corpos, por um processo seletivo que busca potencializar, mais e mais, aspectos físicos, morais e intelectuais? Revestida de novos discursos, a melhoria da espécie humana não poderia ser vista como a melhoria da potência humana, na qual estariam mesclados, neste tempo, natureza e técnica, corpo e máquina, carne e artefato?

Para o artista australiano Sterlac, os humanos estão sendo tecnicamente reprojatados, pois vivemos, hoje, a obsolescência do “psicocorpo” e a emergência do “cibercorpo”.

O psicocorpo não é nem resistente, nem confiável. Seu código genético produz um corpo que muitas vezes funciona mal e se cansa rapidamente, possibilitando apenas parâmetros tênues de sobrevivência e limitando sua longevidade. Sua química carbônica gera emoções superadas. O psicocorpo é esquizofrênico. O cibercorpo não é um sujeito, mas um objeto – não um objeto de inveja, mas um objeto para a engenharia. O cibercorpo fica erigido com eletrodos e antenas, ampliando suas capacidades e projetando sua presença para locais remotos e para dentro de espaços virtuais. O cibercorpo torna-se um sistema estendido – não para meramente sustentar um eu, mas para intensificar operações e iniciar sistemas inteligentes alternados. (STELARC, 1997, p. 59)

Nessa perspectiva, podemos pensar que o aditamento tecnológico da performance do ciberatleta, híbrido de homem-máquina, produz uma nova concepção de corpo e de movimento em que os componentes tecnológicos que adentram sua pele, mais do que objetos externos, estão transformando-se em componentes do próprio corpo. Não são mais objetos estranhos, artificiais, mas uma outra “natureza” e realidade corporal. (COUTO, 2000)

Com isso, o híbrido “homem-máquina” não é o fim do corpo, mas a forma excelente de sua afirmação em uma sociedade em que a biotecnologia articula as novas formas do agir eugênico, em que o aperfeiçoamento é uma constante e a ação performática é uma condição. Inserido nesse contexto, o esporte de alto rendimento vem sendo representado como um espaço em que, de maneira mais imediata, poderemos observar as diferentes ações que operam no sentido da potencialização dos corpos e na degradação de suas imperfeições. Afirmarções como estas figuram em várias reportagens que tematizam o futuro do esporte. Destacamos duas delas:

Como será o atleta? Robótica, nanotecnologia e genética serão capazes de construir superhomens, com genes modificados, células artificiais e aptidões preestabelecidas.

A ciência poderá mudar tanto os atletas até a metade do próximo século que é arriscado demais dizer como eles se tornarão. Não há nem ao menos o consenso de que eles serão humanos. [...]

Em poucos anos, será possível detectar as pessoas com máxima aptidão para cada esporte por meio do estudo de seus genes. O segundo passo será a “construção” de um atleta,

alterando seus genes de modo a colocar todas as variedades ótimas numa só pessoa. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000, p. 02)

A terapia genética promete revolucionar o esporte. Depois de identificar os genes responsáveis pela potência muscular, os cientistas H. Lee Sweeney, da Universidade da Pensilvânia, e Nadia Rosenthal, de Harvard, anunciaram, na "Scientific American" experiências com genes sintéticos para aumentar os músculos. (CEZIMBRA, 2004, p. 37)

Essa melhor equipagem da performance esportiva atesta a inutilidade do corpo humano "natural" e, ainda, o quanto podem ser ultrapassadas as suas limitadas performances. Reafirma-se, assim, a imagem do cibercorpo e do ciberatleta como produtos de minuciosas e constantes intervenções tecnológicas que, mais do que adaptá-los ao universo esportivo, buscam eugenizá-los – termo tomado por nós como a elevação, cada vez maior, de sua perfectibilidade. Coloca-se, aqui, o extermínio do caráter supostamente natural do corpo e do humano, pois, como afirma Virilio (1996), o natural hoje é ser artificial. E, para o novo eugenismo, intervenções como o *doping* genético, a ciborguização do treino esportivo e a recorrência à biotecnologia não passam de rotinas cotidianas de um campo em plena expansão.

Ao se pensar o esporte, a cultura *fitness* e os corpos dos seus praticantes, outra questão se coloca para o presente e para o futuro: será que podemos considerar essas práticas apenas do ponto de vista da performance física? Não fariam parte de nossas preocupações as representações de gênero que o corpo do atleta carrega? Estariam os discursos que fazem referência ao atleta do futuro privilegiando uma dada noção de homem atleta?

Há de se pensar que o desenvolvimento de força e resistência e o aumento da massa muscular são características que há muito se constituem como masculinas e masculinizadoras. O vigor das atividades físicas, o suor, o aumento do diâmetro muscular, o ganho de potência, força e velocidade parecem referir-se aos corpos masculinos, que arrastam consigo não só a performance aprimorada, como também um modo de ser (SABINO, 2002). Será, então, que algumas das tecnologias do desenvolvimento corporal e de melhoria do desempenho esportivo não estariam ajudando a materializar noções de gênero, tornando-as tecnologias masculinizadoras? Dito de outra forma: será que o esporte potencializado pela sofisticada tecnologia da performance continuará a demarcar as fronteiras de gênero segundo as quais aos homens recomendam-se algumas práticas e intervenções esportivas e às mulheres, outras? Ou, ao contrário, ao se privilegiarem as desnaturalizações, desconstruções, ambigüidades e hibridismos, será permitido o rompimento de fronteiras e se evidenciará o quão frágil são os discursos essencialistas,¹⁰ que afirmam serem as bases biológicas aquelas que justificam as diferenças entre homens e mulheres?

¹⁰ Por essencialismo, entende-se a tendência a caracterizar certos aspectos da vida social como tendo uma essência ou um núcleo (natural ou cultural) fixo, imutável. (SILVA, 2000)

Afinal, dada a materialidade do corpo biológico, são os argumentos de cunho biologicista aqueles que, majoritariamente, justificam a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas. A eles, a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno. Para as mulheres, em grande medida, é incentivada a vivência do espetáculo esportivo, desde que não deixe de lado a beleza e a graciosidade, atributos colados a uma suposta “essência feminina”. Se o destino de toda mulher parece continuar sendo a maternidade,¹¹ nada de sobrecarregar o corpo, potencializar demasiadamente os músculos, excitar os nervos, enfim, envolver-se em atividades que colocam essas representações em perigo.

Recomendações como essas permeiam inúmeros discursos que, mesmo no século XXI, tomam a anatomia como o espaço primeiro a designar locais sociais, comportamentos, atitudes, gestualidades que generificam e hierarquizam os corpos e os sujeitos. Para exemplificar a naturalização dessa narrativa, reproduzimos aqui um fragmento de uma reportagem publicada no jornal *Zero Hora* no dia 20 de agosto de 2004, com o seguinte título: “As mulheres bóiam mais facilmente?”. Dizem seus autores:

Homens e mulheres têm uma densidade inferior à da água, mas a das mulheres é um pouco menor (0,962kg/m³ delas contra 0,978kg/m³ deles). Isso se deve, entre outros fatores, a uma constituição corporal que inclui ossos menos densos, bacia maior que a cintura e mais quantidade de tecido adiposo (gordura), todos relacionados à gestação. Portanto as mulheres flutuam melhor que os homens, que precisam empregar força muscular para obter uma melhor sustentação na água. (LOPES; SANTOS, 2004, p. 32)

Discursos como esses estão ancorados na idéia de que mulheres e homens têm características distintas e inatas e de que estas são imutáveis. Além disso, induzem a acreditar que são essas características que determinam traços de caráter e comportamento, funções sociais, espaços de pertencimento e possibilidades de socialização para eles e para elas. Nossa indagação é: seriam essas características rompidas frente aos avanços tecnológicos do universo da potencialização dos corpos e do aumento da perfectibilidade humana? Ao romperem-se as fronteiras naturalizantes pelas quais se tem analisado o desempenho físico dos sujeitos e de seus corpos, serão minimizadas as diferenças criadas e recriadas entre os gêneros?

Para Donna Haraway, os limites dualísticos entre masculino e feminino tendem a se dissolver perante a parafernália tecnológica, pois as relações de gênero fundadas em noções dadas no corpo a partir de orientações heterossexuais acabarão por sucumbir frente às diversas possibilidades de introjeções cibernéticas. Nas suas palavras: “o ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero”; o “mito do ciborgue significa fronteiras rompidas”. (2000, p. 42)

¹¹ Sobre esse tema, ler: SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Donas de Si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Se os corpos são construídos na cultura, as representações de gênero a eles associadas também o são. Isso significa perceber que “os corpos carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER apud PRINS; MEIJER 2002, p.163), ou seja, eles, os discursos, se acomodam no corpo – em outras palavras, os constituem. Se a promessa tecnológica de potencialização do corpo é uma realidade, podemos pensar, tal qual as representantes do “feminismo cibernético”,¹² que um novo horizonte se apresenta para as mulheres, visto que existe uma velha relação entre a tecnologia da informação e a libertação das mulheres. Para Sadie Plant (1999), as novas tecnologias digitais têm possibilitado o rompimento de fronteiras ao mesmo tempo que permitem escapar dos dualismos natureza/cultura, corpo/mente e abrir possibilidades para a construção de novas sexualidades em um mundo pós-gênero. Desse modo, “a imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmas”. (HARAWAY, 2000, p. 108)

No campo das práticas corporais e esportivas, o universo biotecnológico e o aditamento da performance podem permitir a emergência de corpos que se exibirão independentemente da classificação que hoje se faz entre os sexos. Corpos que poderão exercitar seus desejos, vontades e liberdades para além das características identificadas como masculinas ou femininas, evidenciando que o desafio, a força física, a potencialização muscular, a velocidade e a competitividade podem ser metas a impulsionar os sonhos de homens e mulheres, desde que por eles queiram investir esforços, energia e responsabilidades.

Abstract: This essay puts together some reflections on technological interventions into bodies that are aimed at increasing bodily performance. It discusses the extent to which this search to potentialize bodies may be related to a new eugenics, understood here as the attempt to bring perfectibility to its peak. With this goal in mind, sport and fitness culture are chosen as sites where potentializing technique and artifice are materialized within the body, promoting increasingly sophisticated practices that work to erode the boundaries between the human and the technical, the masculine and the feminine.

Keywords: bio-technological; gender; sport.

¹² O feminismo cibernético é, em geral, definido como “uma aliança entre as mulheres, a maquinaria e as novas tecnologias” (PLANT, 1999).

Referências

- AZEVEDO, F. *Da Educação Física, o que é, o que tem sido e o que deveria ser*. São Paulo: Melhoramentos, 1920.
- CEZIMBRA, M. A Revolução Genética no esporte. *O Globo*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, 15 ago. 2004. Caderno especial, O Globo revista.
- COUTO, E. *O homem-satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica*. Ijuí: Unijuí, 2000.
- _____. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, E.; GOELLNER, S.V. *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007. No prelo.
- DRUMOND, I. Revolução tecnológica. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 maio 2004.
- FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, Caderno especial Futuro do Esporte, 23 jun. 2000.
- GRECO, A. Super soldado. *Galileu*, Rio de Janeiro, abr. 2003.
- GUTTEMAN, A. Visando a Modernidade: arco e flecha e a modernização do Japão. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 5-17, set./dez. 2004.
- HANSEN, R; VAZ, A. Treino, culto em embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, SP, v. 26, n. 1, p. 135-152, set. 2004.
- HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue: ciência tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: SILVA, T. T. (Org.). *Antropologia do cyborg: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- KUNZRU, H. "Você é um cyborg": um encontro com Donna Haraway. In: SILVA, TT. (Org.). *Antropologia do cyborg: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LE BRETON, D. Adeus ao corpo In: NOVAES, A (Org.) *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- LOPES, Cláudio A.; SANTOS, Márcia R. As mulheres bóiam mais facilmente? *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, p. 32, 20 ago. 2004.
- PLANT, Sadie. The Future Looms: Weaving Women And Cybernetics. In FEATHERSTONE, M.; R. BURROWS (Org.). *Cyberspace/Cyberbodies/Cyberpunk: cultures of technological embodiment*. Londres: SAGE Publications, 1995.
- PRINS, Baukje; MEIJER, Irene C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, 2002.
- REIS, J. R. F. *Higiene mental e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)*. 1994. 353 f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Campinas, Campinas, SP, [200-].

- SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M (Org.) *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Donas de Si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SILVA; MORENO, A. Frankenstein e Cyborg: pistas no caminho da ciência que indicam o novo eugenismo. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 8, n. 2, p.125-139, Jul./Dez. 2005.
- SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. *Caderno Cedes*, Campinas, SP, ano 19, n. 48, ago. 1999.
- SILVA, T. T. Nós, cyborgs: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: SILVA, T. T. (Org.). *Antropologia do cyborg: as vertigens do pós humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, C. L. (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- STERLAC. "Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota". In: STELARC (Org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Unesp, 1997.
- VIANNA, G. *Lições de Medicina Social*. Porto Alegre: Typographia Santo Antonio, 1927.
- VIRILIO, P. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.